



RETÓRICAS DA ORDEM: A SEGURANÇA PÚBLICA NO GOVERNO BOLSONARO E AS GUERRAS CULTURAIS

MAYRA COIMBRA

INTRODUÇÃO



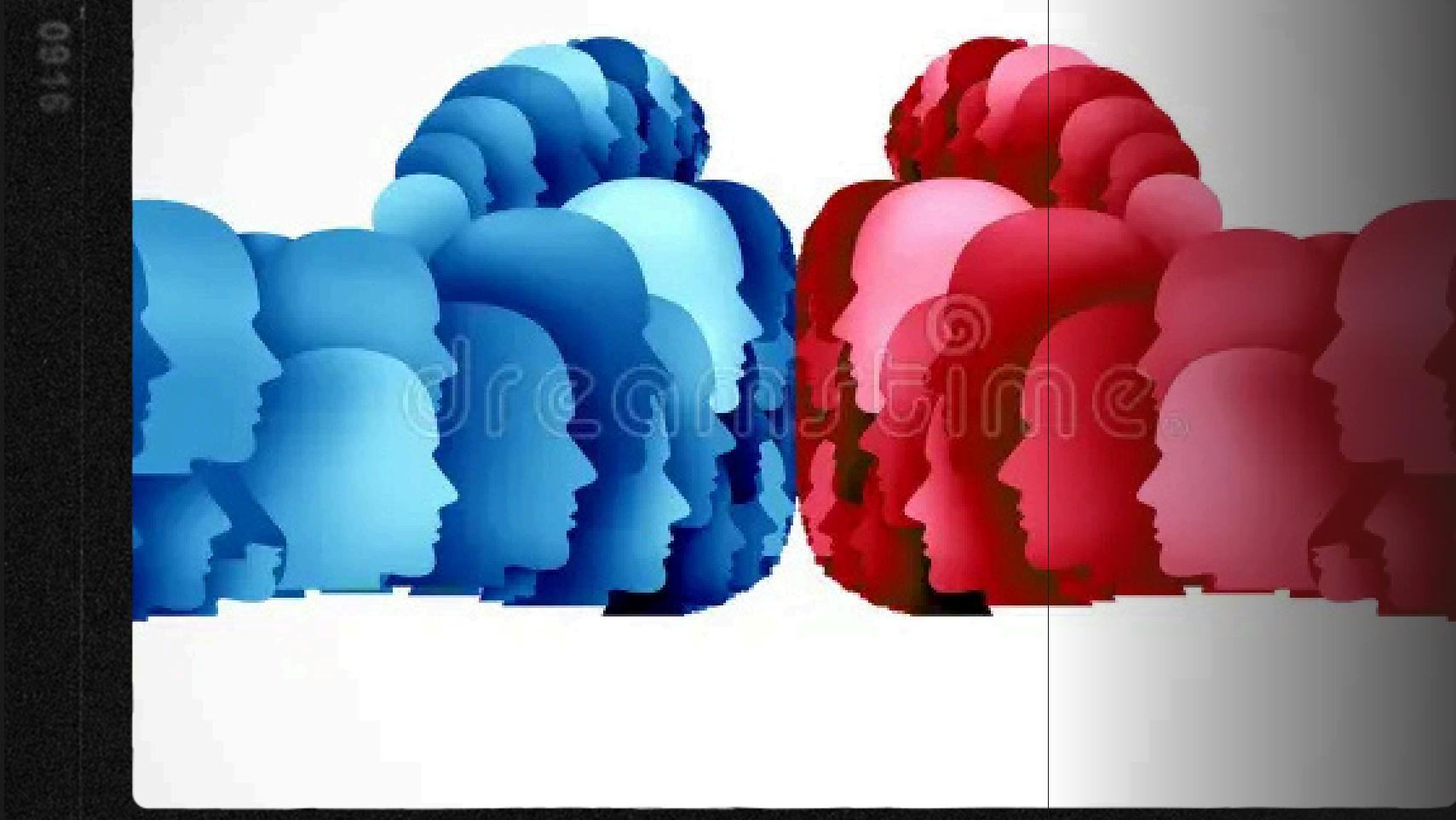
A eleição presidencial de 2018 representou uma ruptura na história política brasileira. Ela encerrou o ciclo de polarização entre PT e PSDB, que havia dominado as últimas décadas, e marcou a ascensão de um candidato outsider, Jair Bolsonaro, e de um partido até então irrelevante, o PSL. Essa vitória simbolizou o colapso da legitimidade dos partidos tradicionais e o fortalecimento de uma nova lógica política.

Bolsonaro utilizou as redes sociais como principal ferramenta de articulação política. Através delas, conseguiu mobilizar afetos, construir identidades e estabelecer uma relação direta com seus seguidores. Sua estratégia discursiva foi marcada pelo uso de pautas morais e culturais — as chamadas guerras culturais —, deslocando o foco do debate público de temas estruturais (como educação, saúde e segurança) para disputas simbólicas sobre valores, crenças e costumes.

GUERRAS CULTURAIS: A MORALIDADE EM DISPUTA

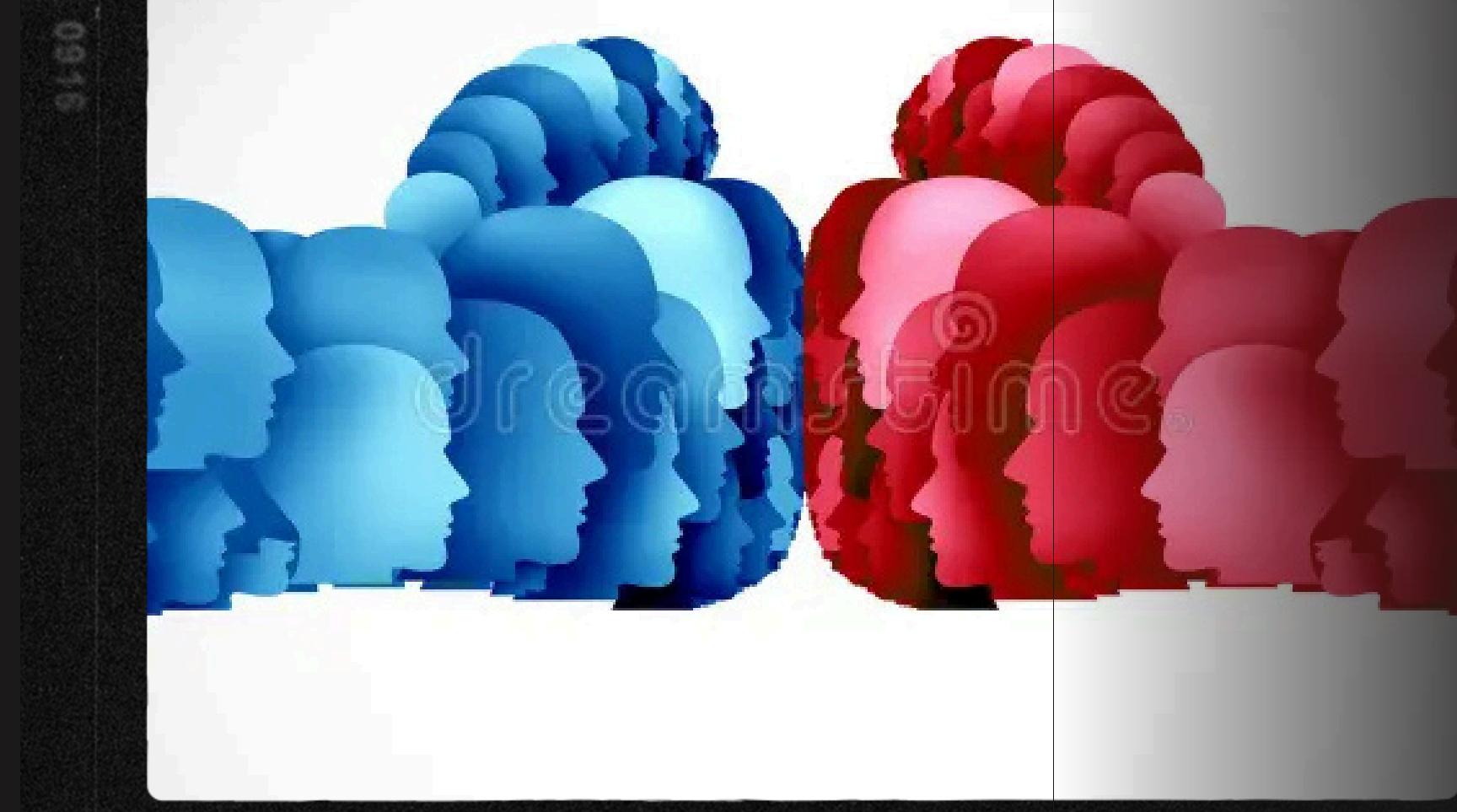
As chamadas “guerras culturais” são disputas simbólicas e morais travadas no espaço público e intensificadas pelas redes sociais. Elas envolvem temas como gênero, religião, sexualidade, laicidade do Estado, liberdade de expressão e educação. Tais disputas ultrapassam a esfera política e se tornam batalhas pela definição dos valores fundamentais da sociedade.

Segundo Hunter (1991), as guerras culturais surgem de conflitos morais que opõem visões de mundo incompatíveis. No Brasil contemporâneo, como mostram Melo e Vaz (2021), esses embates passaram a orientar o debate político e a moldar identidades coletivas. Os autores identificam quatro eixos principais: tensões étnico-raciais, moralização do discurso anticorrupção, disputas sobre gênero e direitos reprodutivos, e embates culturais institucionais.



GUERRAS CULTURAIS: A MORALIDADE EM DISPUTA

No contexto do governo Bolsonaro, essas guerras se tornaram instrumentos estratégicos de mobilização. O discurso político passou a ser estruturado pela lógica binária do “nós contra eles”, em que o inimigo é interno – representado pela esquerda, pelos “progressistas” ou por grupos que ameaçariam a moral e os costumes tradicionais. Essa retórica produz coesão entre apoiadores, reduz a complexidade dos debates e transforma o dissenso em ameaça.



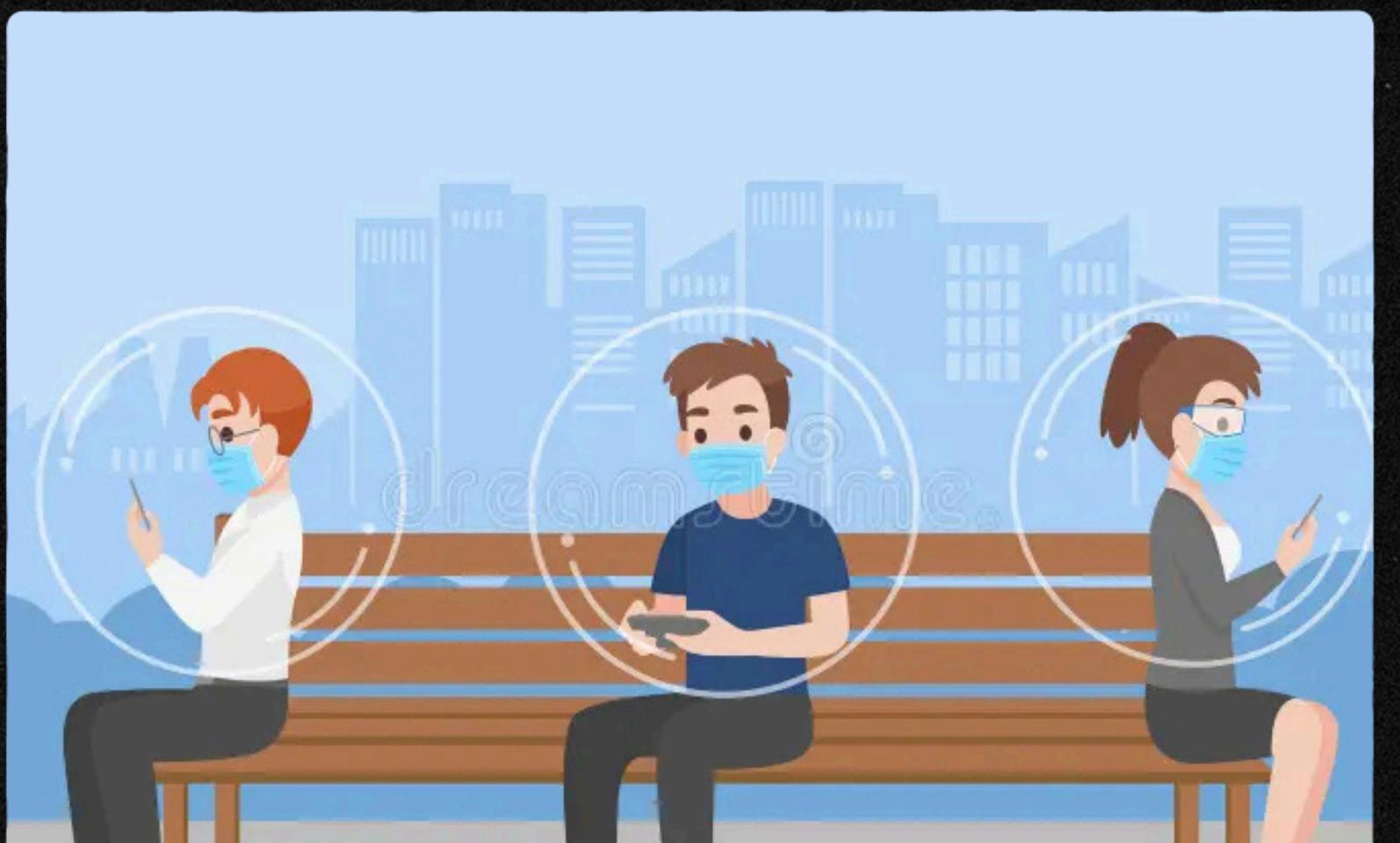
BOLHAS INFORMATIVAS E CÂMARAS DE ECO

As redes sociais potencializam as guerras culturais ao criarem bolhas informativas e câmaras de eco. Esses fenômenos, descritos por autores como Eli Pariser (2012) e Lucia Santaella (2019), resultam da personalização algorítmica dos conteúdos exibidos aos usuários. As plataformas filtram informações com base em preferências e comportamentos individuais, entregando conteúdos que reforçam crenças e excluem pontos de vista divergentes.

Esse processo gera um ambiente de isolamento cognitivo, no qual os usuários têm contato apenas com informações que confirmam suas convicções. A pluralidade de ideias é substituída por uma repetição de opiniões semelhantes, criando a ilusão de consenso e fortalecendo a polarização. Assim, as redes deixam de ser espaços de debate e passam a funcionar como arenas de reafirmação identitária.



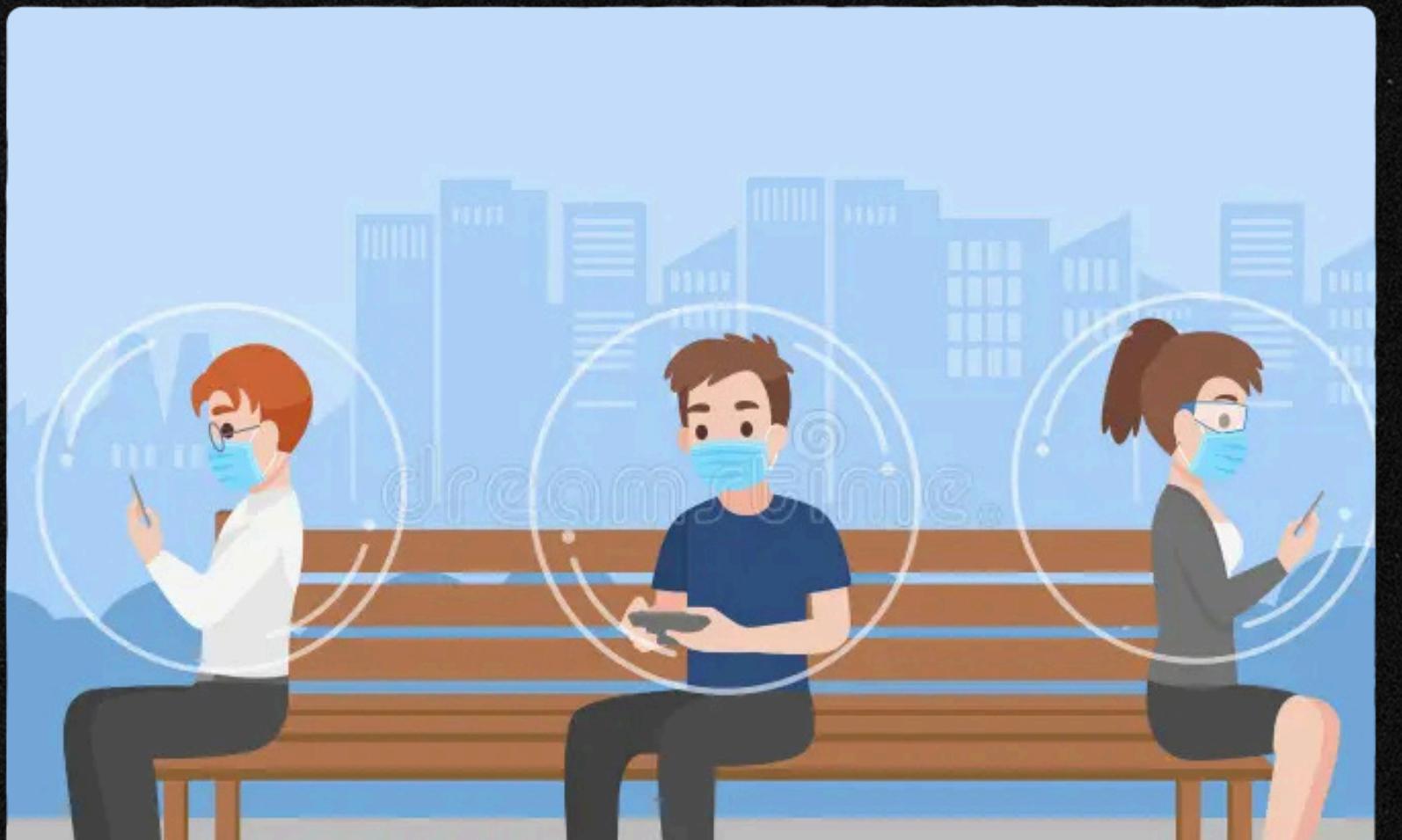
CANVA STORIES F20

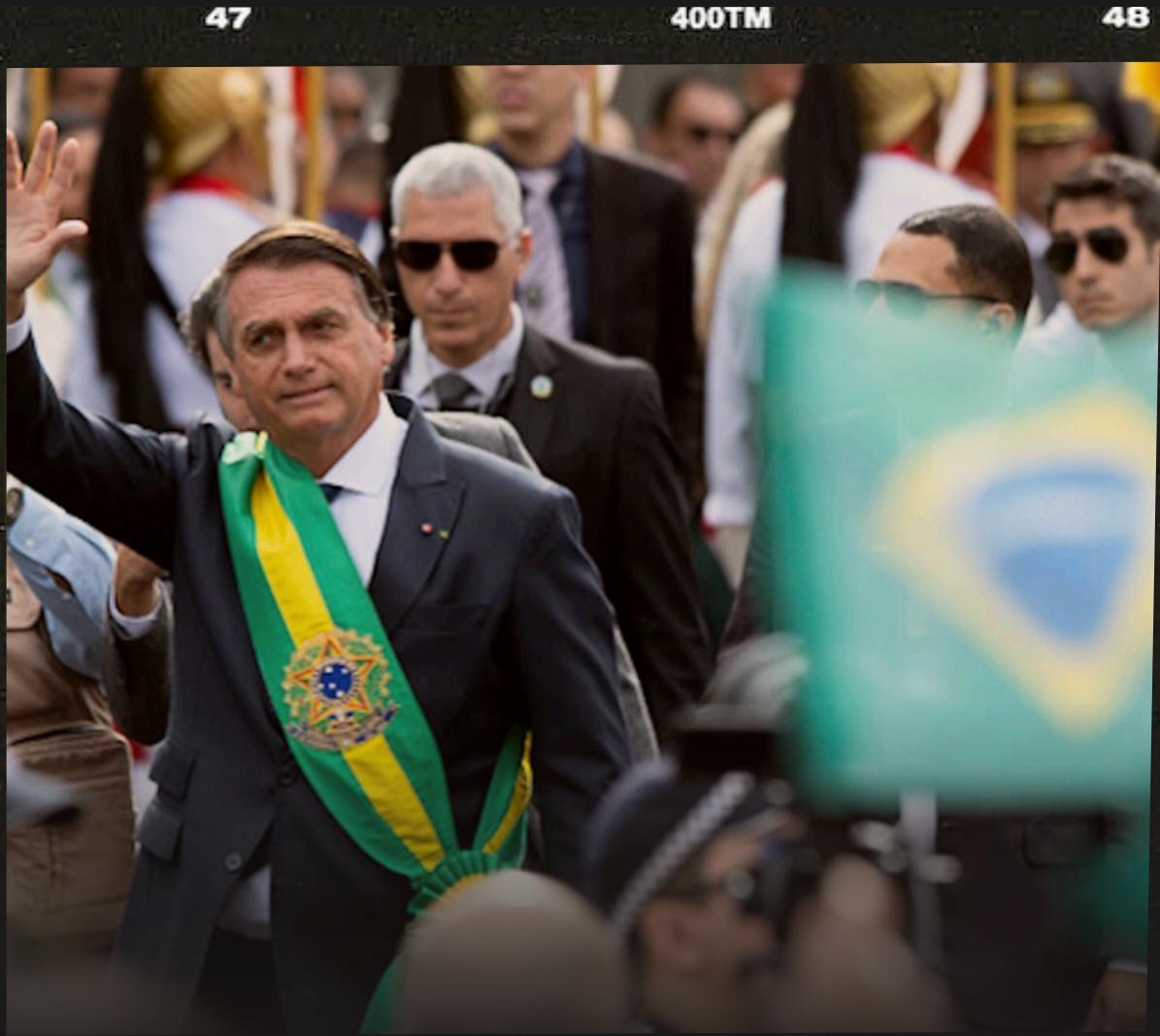


CANVA STORIES F20

BOLHAS INFORMATIVAS E CÂMARAS DE ECO

No caso de Bolsonaro, esse ambiente digital foi central para sua estratégia de comunicação. As redes funcionaram como terreno fértil para a propagação de mensagens simples, emocionais e moralmente carregadas, que encontraram eco em grupos coesos e predispostos a confirmar as narrativas do governo.





PROPOSTA DE TRABALHO

O presente trabalho analisa como Jair Bolsonaro articulou o discurso sobre segurança pública em seu primeiro ano de governo, com foco nas publicações feitas no *Twitter* ao longo de 2019. Além de identificar a continuidade ou não das retóricas de campanha, a pesquisa busca compreender de que forma esse tema se relaciona com as guerras culturais. O *corpus* foi construído por meio da coleta de *tweets* com auxílio do software TAGS v.1 e analisado de forma automatizada pelo Iramuteq, com base em técnicas de análise de conteúdo.

METODOLOGIA

A pesquisa se baseia em três etapas metodológicas:

1. **Pesquisa bibliográfica**, com revisão teórica sobre guerras culturais, bolhas informativas e comunicação política digital;
2. **Pesquisa documental**, com coleta de 120 tweets publicados por Jair Bolsonaro em 2019 sobre segurança pública;
3. **Análise de conteúdo automatizada**, realizada com o software Iramuteq, que permite identificar padrões de linguagem e agrupamentos de sentido.

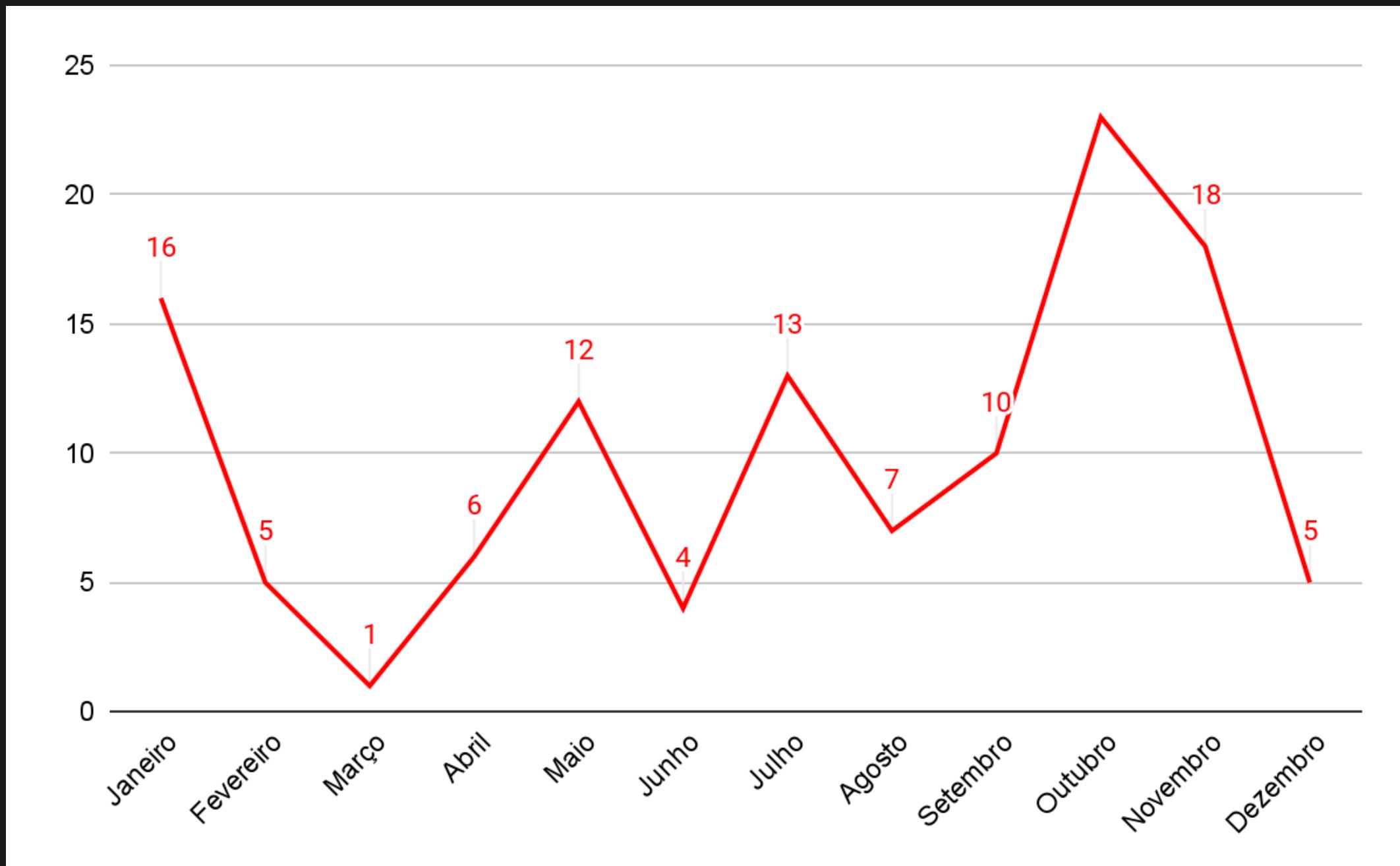
As análises foram desenvolvidas a partir de duas ferramentas principais do Iramuteq:

- **Nuvem de palavras**, para observar a frequência dos termos mais recorrentes;
- **Classificação Hierárquica Descendente (CHD)**, que organiza o corpus em categorias semânticas.



CORPUS DE ANÁLISE

Gráfico 1 - Postagens sobre Segurança Pública ao longo de 2019

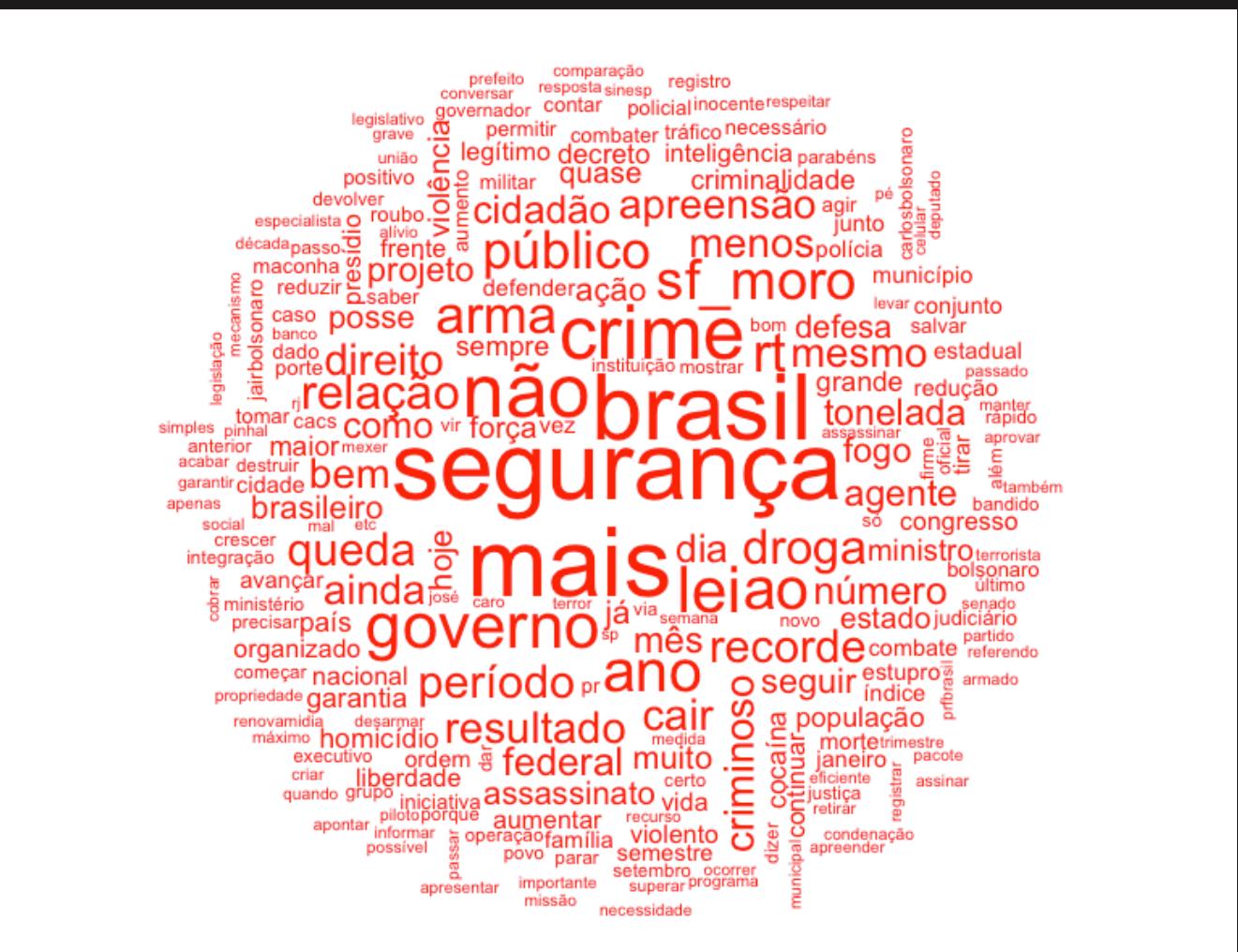


Fonte: Elaborado pela autora

Através da coleta realizada pelo TAGS V.1 foi possível identificar como essas postagens apareceram ao longo deste primeiro ano de governo e em que momentos foram mais ou menos acionados.

ANÁLISE

Figura 1 - Wordcloud dos *tweets* na Segurança Pública



Fonte: Iramuteq

TWEETS DO CAMPO DA SEGURANÇA PÚBLICA

Apartir da análise gerada pelo software, a classificação da matriz textual abarcou as palavras que mais se destacaram no texto de segurança pública, representada pela wordcloud.

As palavras mais ativas na formação da nuvem de palavras desta temática foram: segurança (38 ocorrências), Brasil (36 ocorrências), crime (29 ocorrências), governo (24 ocorrências), lei (24 ocorrências), @sf_moro e RT (20 ocorrências), arma e público (19 ocorrências), droga (17 ocorrências), queda e recorde (16 ocorrências).

ANÁLISE

Tweets do campo da Segurança Pública



TWEETS DO CAMPO DA SEGURANÇA PÚBLICA

A CHD identificou seis classes principais de discurso no tema da segurança pública:

- Cidadãos do bem e o direito de defesa
- Articulação dos três poderes
- Medidas e investimentos
- Recorde de apreensão de drogas
- Queda na violência
- Posse e porte de armas

Fonte: Iramuteq

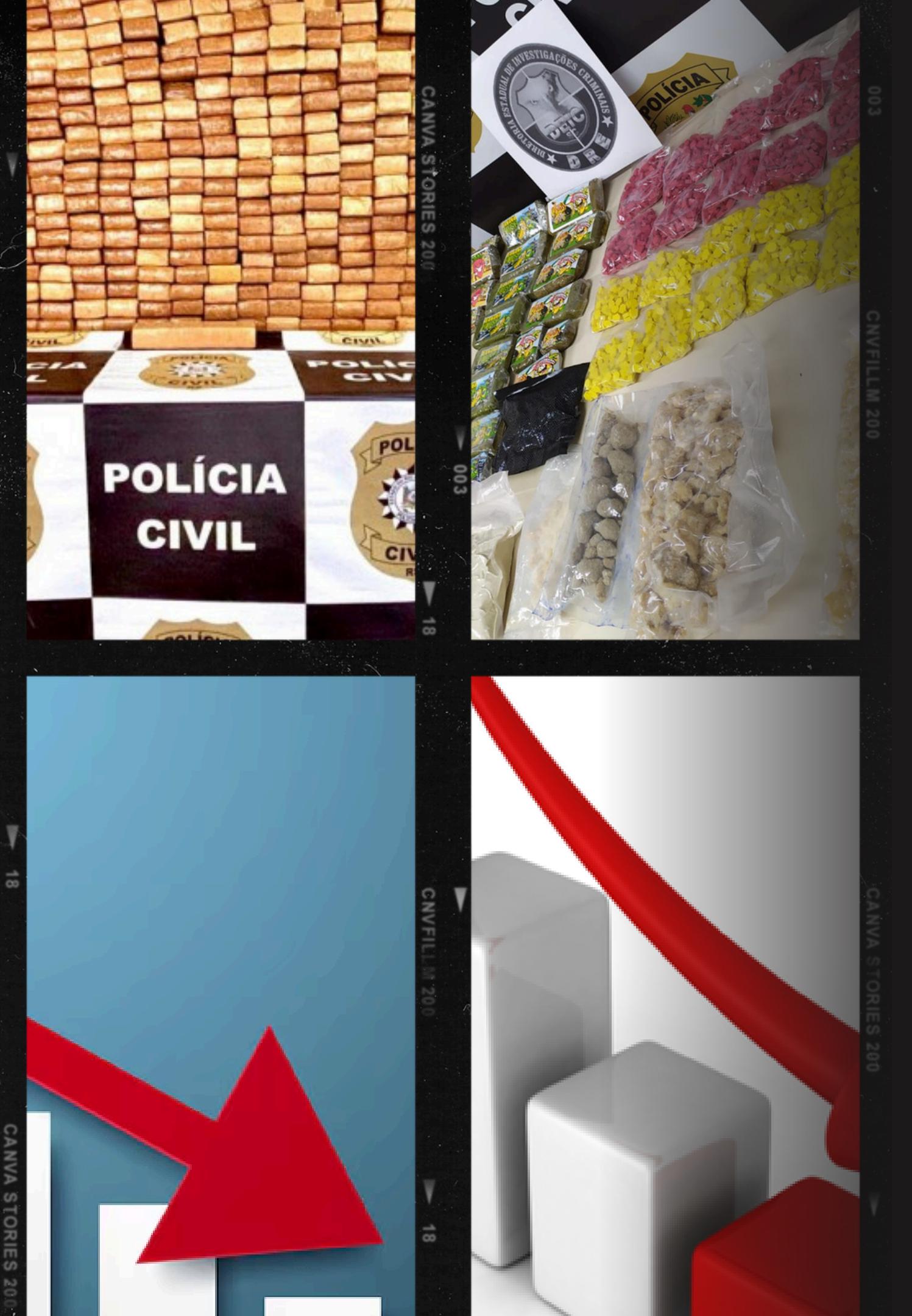
RESULTADOS E DISCUSSÕES

RECORDE DE APREENSÃO DE DROGAS (20%)

Esta foi a categoria mais recorrente. Bolsonaro utiliza números e estatísticas para construir a imagem de eficiência governamental. O discurso enfatiza o combate ao tráfico e a atuação policial, sempre comparando seu governo aos anteriores. Sérgio Moro aparece como figura central, simbolizando credibilidade e rigidez moral. Os dados são usados de forma persuasiva, muitas vezes sem contextualização, para reforçar a percepção de progresso.

QUEDA NA VIOLÊNCIA (18,3%)

Os tweets dessa categoria apresentam dados que indicam redução da criminalidade, especialmente homicídios, e associam essas quedas diretamente à gestão Bolsonaro. A retórica é emocional e simplificadora: sugere que as ações do governo são responsáveis pela melhora dos índices, mesmo sem análise aprofundada. Há também uma apropriação seletiva da mídia – Bolsonaro critica veículos de imprensa, mas os cita quando os dados são favoráveis.



RESULTADOS E DISCUSSÕES

POSSE E PORTE DE ARMAS (16,5%)

Essa categoria expressa a defesa do armamento civil como garantia do direito à legítima defesa e da liberdade individual. O discurso associa o cidadão armado ao “cidadão de bem”, contrapondo-o ao criminoso e ao Estado que supostamente o ameaça. Essa narrativa armamentista retoma valores de moralidade, família e autoridade, e reforça a identidade do grupo conservador.

CIDADÃOS DO BEM E O DIREITO DE DEFESA (15,7%)

Aqui se evidencia a construção simbólica do “bem” contra o “mal”. Bolsonaro mobiliza o medo e o pânico moral para justificar o endurecimento das políticas de segurança. O cidadão honesto é representado como vítima de um Estado ineficaz e de criminosos impunes. Essa simplificação transforma a violência em um problema moral e justifica soluções autoritárias.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

MEDIDAS E INVESTIMENTOS (15,7%)

Essa classe reúne tweets em que o presidente divulga ações práticas, como doações de equipamentos, criação de regras para presídios e decretos na área da segurança. As redes sociais são usadas como ferramenta de comunicação direta para legitimar o governo, dispensando a intermediação da mídia. O objetivo é reforçar a imagem de um governo ativo e comprometido com a ordem.

ARTICULAÇÃO DOS TRÊS PODERES (13,9%)

Bolsonaro destaca a necessidade de cooperação entre Executivo, Legislativo e Judiciário para o sucesso das políticas de segurança. No entanto, esse discurso também serve para deslocar responsabilidades e incentivar a pressão popular sobre outras instituições. Essa retórica reforça o caráter mobilizador de seu discurso e a ideia de que apenas ele representa a vontade do povo.



CANVA STORIES 200

003
18



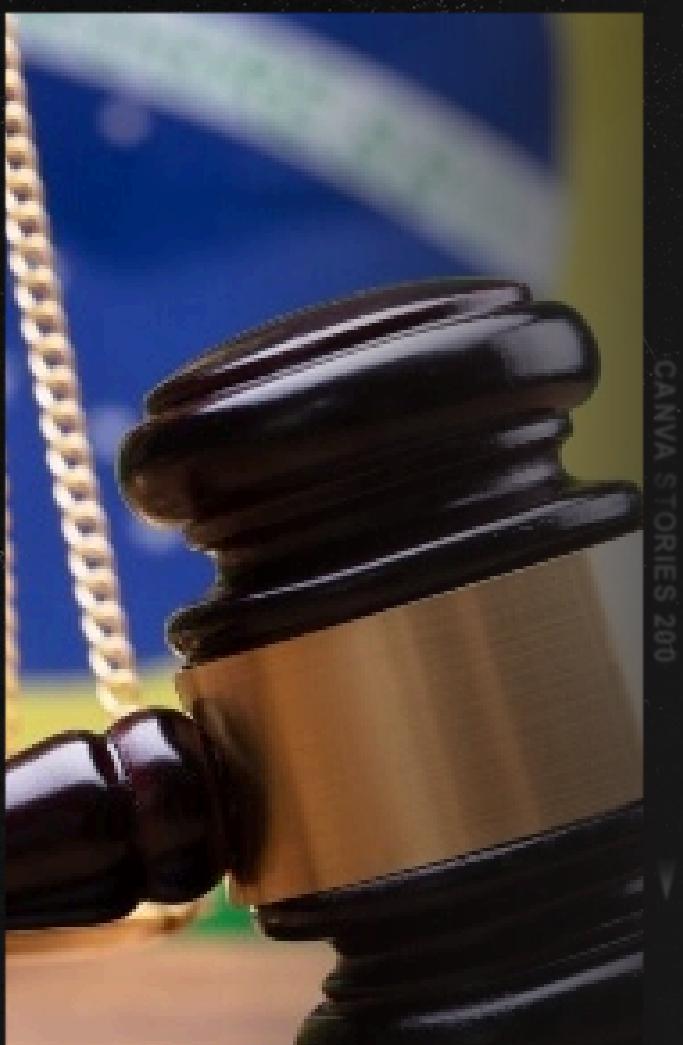
CNVFILLM 200

003



CANVA STORIES 200

18



CANVA STORIES 200

18

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise mostra que Jair Bolsonaro manteve, durante o primeiro ano de governo, as mesmas estratégias retóricas de sua campanha. O discurso sobre segurança pública permaneceu central e foi sustentado por uma narrativa moral e emocional, estruturada em torno da oposição entre “cidadãos de bem” e “criminosos”, “nós” e “eles”.

As cinco táticas identificadas por Cesarino (2019) – criação do inimigo, fortalecimento do carisma, mobilização emocional, ataque ao opositor e desqualificação da mídia – estão todas presentes na comunicação sobre segurança pública. O Twitter foi utilizado como principal instrumento de desintermediação midiática, permitindo que o ex-presidente falasse diretamente ao público, moldando a percepção de suas ações e construindo sua própria narrativa de sucesso.

A pesquisa evidencia como as redes sociais se tornaram um espaço de poder simbólico, onde o discurso político se mistura



REFERÊNCIAS



ABRANCHES, Sérgio. Polarização radicalizada e ruptura eleitoral. In: ABRANCHES, Sérgio et al. Democracia em risco: 22 ensaios sobre o Brasil de hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALONSO, Ângela. Brasil em colapso. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BUENO, Samira. Paradigmas em disputa. In: GALLEGOS, Esther Solano (Org.). Brasil em colapso. São Paulo: Editora Unifesp, 2019. p. 159–170.

CESARINO, Letícia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. Revista Internet & Sociedade, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1–23, 2019.

D'ANCONA, Matthew. Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. São Paulo: Faro Editorial, 2018.

HUNTER, James Davison. Culture wars: the struggle to define America. New York: Basic Books, 1991.

MELO, Celso T.; VAZ, Paulo. Guerras culturais: conceito e trajetória. Revista ECO-Pós, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, 2021. DOI: <https://doi.org/10.29146/ecopos.v24i2.277916>.

PARISER, Eli. O filtro bolha: o que a internet está escondendo de você. Tradução de Diego Alfaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

RESNICK, Danielle. Populism in Africa. In: KALTWASSER, Cristóbal Rovira et al. The Oxford handbook of populism. Oxford: Oxford University Press, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780198803560.013.4>.

SANTAELLA, Lucia. A pós-verdade é verdadeira ou falsa? São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2019.



OBIGADA!

DÚVIDAS OU SUGESTÕES:
MAYRARCOIMBRA@GMAIL.COM